

Esta segunda edição do livro de Mário Eduardo nos aponta para uma dimensão inescotável das imensas possibilidades de se abordar a questão do pânico, tanto na psicopatologia como na cultura.

Começa abordando a questão do homem grego em sua constituição não clivada. "O homem grego concebia-se em uma abertura total sobre o mundo. Tratava-se de um eu (nem delimitado nem unificado)". (p.18)

A partir dessa concepção de subjetividade grega historicamente marcada, a obra transitará pelas posturas filosóficas, psicanalíticas, psiquiátricas e antropológicas produzidas por nossa cultura até atingir a atualidade em que encontramos um homem cindido e imerso numa cultura contemporânea em que a linguagem e as intensidades pulsionais estão em perene tentativa de organização e de ruptura. Finalmente, Pereira propõe uma maneira de pensar o pânico nesse contexto.

Certa medicina atual, lançando um olhar objetivo sobre a angústia e mensurando-a, para que esta caiba estritamente dentro de uma metodologia científica, direciona-a para um reducionismo. Assim, determina um olhar *sábio* do médico, voltado apenas para o lado visível do problema da angústia, que lhe dá estatuto de *sintoma*. Desse modo, a angústia "aparece como fenômeno repleto de manifestações diretamente observáveis no corpo do paciente e objetivável em suas lamentações" (p. 29). Esta abordagem contemporânea tentará eclipsar todo o universo subjetivo em prol de estruturas biológicas que através de sua fisiologia reinará soberana na constituição da subjetividade. "Ao longo da história das abordagens médicas desse fenômeno, surge a referência a um tipo de sistema fisiológico, de caráter primitivo, arcaico, baseado na materialidade biológica do

Psicopatologia dos ataques de pânico

Resenha de Mário Eduardo Costa Pereira,
Psicopatologia dos ataques de pânico,
São Paulo, Escuta, 2003, 247 p.

corpo e, sobretudo, escapando a qualquer controle consciente e permanecendo estranho à linguagem, ainda que esse sistema seja concebido como tendo uma relação "visceral" com as emoções e com a vida afetiva" (p. 30).

Semelhante visão médica reduz a afetividade a uma pura intensidade desarticulada da subjetividade, porém, como contribuição, traz o corpo para um primeiro plano, sendo isso muito importante para a compreensão da psicossomática na atualidade.

Cabe, portanto, considerarmos as diferenças entre um corpo pensado nos cânones médicos e um corpo pulsional pensado levando-se em conta as categorias psicanalíticas. Em ambas o corpo aparece como potência. Entendo por potência a possibilidade do aparecimento de formas disruptivas, ou seja, de um virtual (potência) poder se neutralizar, se atualizar, tanto na produção de substâncias corporais como na produção de novas formas de subjetivação.

"... o pânico coloca de maneira direta o problema do estatuto do corpo em psicopatologia" (p. 31).

Trata-se de um corpo que produz substâncias como os neurotransmissores, como por

exemplo: as serotoninas, as noradrenalininas, as dopaminas e outros. Temos também um corpo simbólico mergulhado na cultura e que produz o universo simbólico, poético e ambas concepções de corpo se intercambiam, sendo que uma não se reduz à outra.

Para Mario Eduardo, "a psicanálise coloca a questão do que pode significar o pânico – que tanto como a sexualidade, a agressividade e a afetividade em geral têm correspondentes no animal – quando se considera sua emergência em um ser de linguagem, inscrito em uma cultura, em uma história e, assim, substituindo as determinações do inconsciente" (p. 41). Interessa pois aprofundar a investigação sobre esse ser que tem algo mais em jogo, articulado com a linguagem e com a cultura.

Bem antes do século XIX, já havia descrições clínicas dos estados de angústia. Essa reunião nosológica acontece "... em torno de 1890, quando Brissaud publica seu célebre artigo sobre a ansiedade paroxística e com os trabalhos de Morel, Hecker e Freud" (p. 43). A partir de então entramos em uma época em que os pensamentos, psiquiátricos, psicológicos e psicanalíticos começam a se firmar com força e Freud faz parte desse processo de forma decisiva.

O autor aponta para a questão do *desamparo* associada com a da angústia e que está na origem do correspondente conceito freudiano, que começa a aparecer na época citada, sendo seu aprofundamento fundamental para a compreensão do transtorno de pânico na atualidade. Para Mario Eduardo, o estudo das teorizações de Freud sobre a *Angstneurose*, além de uma compreensão mais ampla das relações efetivas entre psiquiatria e psicanálise, fundamenta desenvolvimentos metapsicológicos posteriores, que visam a compreensão dos acessos de angústia (*Angstfälle*). Entende que Freud, desde seus primeiros trabalhos, "aponta para o papel decisivo dessa condição particular do aparelho psíquico que chamaremos de desamparo – *Hilfflosigkeit* – muito embora tal termo não seja ainda mencionado explicitamente" (p. 58). Este livro assinala seu mérito de ter realizado a primeira descrição clínica específica do quadro da neurose de angústia. Esta consistiria em uma contribuição essencialmente nosológica e nosográfica, que teria proposto "um novo quadro clínico que seria posteriormente assimilado pelas nomenclaturas psiquiátricas" (p. 60).

Uma citação de Freud contida em sua autobiografia de 1925, em que o aspecto fisiológico do metabolismo de neurotransmissores conta como fundamental, é tão atual que poderia estar na pena de muitos psiquiatras organicistas contemporâneos. Diz Freud:

"Para evitar concepções que pudessem causar mal-entendidos, gostaria de ressaltar que estou longe de negar a existência do conflito psíquico e dos complexos neuróticos na neurastenia. Limito-me a afirmar que os sintomas desses doentes não psicologicamente determinados nem analiticamente susceptíveis de serem resolvidos, mas é preciso concebê-las como conse-

quências tóxicas diretas dessa química sexual perturbada” (p. 63). Esta citação mostra que Freud é extremamente atual, pois não traz para as organizações do aparelho psíquico a totalidade dos processos que nele impera, mas deixa um lugar para o fisiológico, que é um campo que está sendo exaustivamente estudado, embora a subjetividade nunca possa ser esquecida. Assim, prossegue Mario Eduardo “a angústia não constitui uma manifestação inteiramente dependente da excitação sexual física, mas é antes dependente das relações entre essa excitação e as possibilidades que encontra para ser simbolizada e elaborada no aparelho psíquico (*Psyche Verarbeitung*)” (p. 64).

Com o transtorno de pânico, diz o autor “os ataques súbitos, intensos e incompreensíveis de angústia, recebem o estatuto de elemento primário e irreduzível à história da vida psíquica do sujeito que os experimenta. Eles são considerados espontâneos, uma vez que estariam ancorados nos processos fisiológicos cerebrais” (p. 85). Nota-se que, para ele, sempre estamos diante de um pêndulo, ora oscilando para o biológico-fisiológico e ora para as questões da cultura-subjetividade. Nesse sentido podemos pensar que essa etiologia deve ser elaborada na complexidade que envolve o campo biológico e o campo da subjetividade-cultura.

A vivência do pânico e sua eclosão são abruptas, sempre envolvendo altíssima intensidade de angústia. Assim, o sujeito fica imerso em um universo pré-representacional com fluxos significantes sem ancoragem em estruturas de linguagem. Daí, as sensações de despersonalização e desrealização, que comumente são descritas pelos pacientes. Mário Eduardo

faz-nos reconhecer a importância do obstáculo existente para a descrição da experiência do pânico, o *sem fala*, a falta de palavras que a acompanha. Assim, “em uma crise de pânico, o desamparo e o desespero do indivíduo são tais que todas as tentativas de comunicação com ele parecem fadadas ao fracasso” (p. 103).

Em nossa época, pós-moderna e pós-industrial, o pânico está intimamente ligado à questão da aceleração do tempo, da multiplicidade de vivências e às possibilidades de nosso aparelho psíquico incorporar todas essas produções contemporâneas, metabolizá-las e simbolizá-las na subjetividade.

Penso que esse metabolismo está dificultado ou anulado em casos patológicos mais drásticos, porque a intensidade, ou melhor, o grande incremento do fator quantitativo da intensidade é que se tornou uma questão primordial.

Nosso aparelho psíquico e nosso corpo não estão preparados para lidar com essas altíssimas intensidades. Assim sendo, todas essas produções vindas da cultura estão funcionando como uma função agressora tanto no plano físico como no psíquico.

Nessa perspectiva temos uma aproximação do que hoje se pensa sobre o pânico e o caos. Há necessidade de pensarmos na dimensão criativa do caos.

As expressões do caos são exatamente isso: essas altíssimas intensidades pulsantes na cultura impedindo, de um lado, que as subjetividades possam surgir, e de outro podendo gerar novas formas de subjetivação que trarão a expressão do novo.

Assim, a construção de uma subjetividade depende de como lidamos com o caos, pois esse é também fundamental e enriquecedor. Porém, se nossa sociedade ultra-intensa e acelerada não souber processá-la, podemos ser destruídos por suas conseqüências.

Essa relação que podemos estabelecer entre pânico e caos é fundamental para estabelecermos a dimensão criativa que está contida em potência no pânico.

Como poderíamos abordar esses casos analiticamente? A transferência é nossa ferramenta fundamental e nesse sentido, segue o texto: “O estudo desses relatos de tratamento sugere que as condutas “curativas” eram, sobretudo, de duas ordens: o estabelecimento de uma relação estável de transferência e a descoberta pelo paciente de que havia sentimentos de raiva perturbadores em conexão com seus ataques de pânico” (p. 138).

Os portadores de transtorno de pânico devem ter vivido, portanto, em seus primórdios históricos, situações nas quais a raiva não pôde ser integrada em sua estrutura de linguagem de forma satisfatória para expressar-se, ficando, portanto, uma intensidade desligada da possibilidade discursiva. Assim, o autor refere-se também ao quanto é essencial para o equilíbrio mental do bebê a continuidade na relação com a mãe ou com quem assuma seu papel e funções, de um modo tal que haja vivências de “felicidade e satisfação” (p. 141) para ambos.

São essas, portanto, as situações existenciais favoráveis para que se produza uma

subjetivação. Porém, mesmo isso acontecendo, não significa que as vivências caóticas e de pânico não possam vir a ocorrer. O fundamental na contemporaneidade é podermos lidar com esses fluxos de intensidade que se potencializaram no processo da globalização.

O texto também aborda as intrincadas questões ligadas ao pânico e à agorafobia, e as discute no contexto da classificação dos transtornos mentais.

O breve histórico de portadores de pânico enriquece bastante a leitura e o autor conclui que, para que haja intervenção analítica efetiva, junto àquele que sofre o tormento do pânico, a única possibilidade é a *reinscrição*. Trata-se, nesse trabalho “lento e penoso”, de possibilitar “a *reinscrição* de seu pânico pelo ato de sua própria palavra-então reconhecida pelo analista como fonte da verdade do sujeito-no registro de significações tidas como autênticas por esse mesmo sujeito” (p. 198).

Acredito que o pânico não é somente reinscrito na forma discursiva do sujeito. Acredito que o fundamental se passa na inscrição desses fluxos significantes; portanto, não se trata do universo representacional, e sim de um universo apresentacional que não é da ordem da repetição simbólica e sim da ordem do fluxo, da sensação, e que estes devam, através da transferência, transformar as manifestações caóticas do pânico em expressões simbólicas.

A riqueza do texto aparece em inúmeras dimensões que vão desde o pensamento grego, passando por vários filósofos de diversas épocas, entrando profundamente na questão médico-psiquiátrica e atualizando tudo isso na cultura contemporânea.

Alcimar Alves de Souza Lima é psicanalista, professor do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae-SP, delegado do Conselho Regional de Medicina (CRM) e coordenador do Comitê de Bioética do Vale do Paraíba.